

# ÉTICA NA VIDA E NO TRABALHO\*

*Inácio Strieder\*\**

## Introdução

Não é preciso demonstrar a necessidade da ética. Ela simplesmente faz parte da vida do homem. E a vida é ação. Mas a obra humana carrega em si a ambigüidade de seu autor. Tudo que o homem faz e produz é bom sob alguns aspectos, mas, sob outros, pode ser mau. No processo civilizatório a humanidade cuida que os aspectos positivos de sua ação prevaleçam. A partir deste cuidado se desenvolve a ética. Portanto, a ética quer o bem do homem e permanece uma preocupação constante. Pois, a cada época histórica, e nas circunstâncias da vida individual, é necessário perguntar sempre de novo o que é o melhor para o homem, estabelecendo as normas e os princípios adequados que confirmem o homem no bem. Não existe livro, nem documento em que detalhadamente, e para sempre, se indiquem quais as boas e quais as más ações que devemos fazer ou deixar de fazer. Descobrir isto é uma tarefa para toda a vida.

---

\* Comunicação apresentada no “Encontro Pedagógico 98” do SENAC/Pernambuco-Recife, em 27/01/98.

\*\* Inácio Strieder é professor de Ética no Curso e no Mestrado de Filosofia da UFPE/Recife.

## 1. Fundamentos da ética

A ética, além de ser empírica, ancora-se profundamente em nossas visões do mundo e em nossa compreensão do homem. O homem não é ético para com o outro só porque o outro tem o nariz no mesmo lugar que ele. Entre estranhos existem fossos e distanciamentos que alimentam desconfianças, contrárias a uma convivência ética. A ética só se afirma quando os homens começam a compartilhar a sua vida, se tornam “cúmplices”. Por isto, quando começamos a refletir sobre a ética, é fundamental perguntar primeiramente pelas nossas ideologias e pelo que pensamos dos outros homens. Qual é a nossa compreensão do mundo, e qual é a nossa antropologia? Para nós, todos os homens são iguais e dignos de respeito? Quais os direitos e deveres do homem em relação aos seus semelhantes? Afinal, qual é o sentido da vida que levamos nesta terra? A ética, ou falta de ética, se manifesta em nossas atitudes e ações, nas quais se inclui o trabalho. E estas atitudes e ações emergem das esperanças e dos sentidos que atribuímos e buscamos na vida. Desde as origens da filosofia ocidental se afirma que a aspiração fundamental do homem é a felicidade. O motor de toda a ação humana seria a busca desta felicidade. Mas o que significa felicidade para os homens concretos e para os povos? Isto novamente depende de nossa visão de vida. Como se vê, a postura ética depende de uma série de pré-compreensões em relação ao mundo que nos cerca. Além disto, para que o indivíduo se pautar de acordo com os princípios éticos da comunidade, em que se insere, ele mesmo deverá possuir determinadas condições, que lhe possibilitam aspirar à felicidade.

## 2. Condições pré-éticas

O filósofo Aristóteles, na Antiga Grécia, já alertava para algumas condições pré-éticas. Em sua *Ética a Nicômacos* mostra que não se pode ser feliz, isto é, viver eticamente, sem um mínimo de educação, saúde, comida, propriedade, liberdade etc. Segundo esta filosofia, que é a raiz da civilização ocidental, existem, portanto, certas condições pré-éticas para firmarmos uma vida ética individual e social.

A partir do ponto de vista aristotélico, talvez possamos compreender um pouco melhor porque a ética, em nosso meio, é tão precária. E se estamos escandalizados com a falta de ética na realidade brasileira, verifiquemos qual o esforço que se faz para garantir as condições pré-éticas para uma vida ética.

## 3. A ética no Brasil

Diante de um certo mal-estar ético em relação à vida brasileira, parece-me importante perguntar pela visão do homem que predomina no nosso meio. Não há dúvida que em muitos brasileiros ainda persiste uma mentalidade escravagista, racista, que não se comove diante da institucionalização das injustiças sociais. Para que, a médio prazo, a nossa ética pudesse melhorar seria necessário um imenso esforço de educação para valores humanitários, em que o homem fosse proposto como o fim do progresso e não como meio para o acúmulo de bens e capital. Por isto, no meu entender, deveríamos, muitas vezes, nos preocupar mais com a análise das condições pré-éticas do que nos

escandalizarmos com a falta de ética no nosso meio. A ética no trabalho não pode melhorar se não houver a preocupação com o bem-estar e a felicidade do trabalhador. Seríamos, no entanto, ingênuos se pensássemos que o mal desapareceria do nosso meio, quando existissem todas as condições para que pudéssemos levar uma vida ética. Como já mencionamos anteriormente, o homem é um ser ambíguo frente ao bem e ao mal. E toda a sua obra reflete esta ambigüidade. E o homem também pode praticar o mal sem razões e sem explicação. É o mal banal.

#### **4. A banalidade do mal**

A prática do “mal banal” é mais uma das características humanas que devemos considerar. Por mais conhecimentos e bens materiais que o homem possua, isto ainda não garante infalivelmente a eticidade em suas ações. Além da colocação das condições pré-éticas, uma vida ética supõe também um exercício pessoal, uma ascese de vida. Um auto-conhecimento e um auto-domínio. Continua fundamental o que o pai da ética ocidental, Sócrates, nos ensina: “Conhece-te a ti mesmo”. Um conhecimento filosófico, antropológico, psicológico, social... de nós mesmos. Quais são as nossas potencialidades e limitações? Um tal conhecimento permitiria chegar ao famoso “meio termo” virtuoso. Uma vida ética sem excessos. O que continua válido tanto para a organização da vida individual como para as políticas sociais. Onde faltar o conhecimento consciencioso e a consciência crítica do que fazemos aparecerá o mal banal. Um mal irracional, sem motivos e sem explicação. O mal pelo mal. Os exemplos de tais males

já se multiplicam em nosso meio: gangues de jovens de classe média, que colocam fogo em mendigos gratuitamente e por futilidades. E este mal, se não for prevenido, pode espalhar-se como fungo ou bactéria por amplas camadas populacionais.

#### **5. A ética como tarefa**

Diante da essência ambígua do homem, das condições pré-éticas e do mal banal, que lições tirar? Bem, a construção de uma vida ética é uma tarefa nossa de cada dia. Só assim estaremos inseridos num processo civilizatório. Mas já existem experiências de vida ética interessantes, que nos podem ajudar na nossa caminhada. Dentre as múltiplas propostas existentes, gostaria de propor duas para a nossa reflexão: a “ética do corpo” e a “ética do discurso”.

#### **6. A “ética do corpo”**

Mais para o início desta reflexão, alertei que não é possível detalhar todas as circunstâncias para que nossas ações sejam éticas. Por isto costuma-se, geralmente, propor apenas os princípios norteadores universalmente válidos para a ação ética. Tais princípios devem brotar de nossa visão do mundo, do homem e da vida. Mas, de fato, este homem só se objetiva neste mundo por seu corpo. E a ética se expressa no agir de nosso corpo. Por isto, toda a história da ética poderia ser escrita a partir do “corpo”. Na atitude que tivermos em relação ao nosso corpo, e em relação aos corpos dos outros, se manifesta se somos éticos ou não. O homem concreto é um ser corporal, o corpo é a nossa objetivação no mundo e a

mediação para a vida comunitária. Isto nos permite afirmar que situações de indignidade, desrespeito, constrangimento, opressão, tortura... do corpo de qualquer homem desrespeitam a ética. O homem tem necessidade de comer, beber, dormir, amar, falar, ouvir; cuidar da higiene, saúde, vestimenta, moradia; precisa movimentar-se, trabalhar, desenvolver suas habilidades e a racionalidade. Possibilitar estas exigências de nosso corpo é ético, o contrário é falta de ética. Por isto, impedir que alguém durma à noite, pendurá-lo de cabeça para baixo, ou em pau-de-arara, restringir-lhe a comida e a bebida, ou torturá-lo de qualquer forma são faltas éticas intoleráveis. Igualmente, impedir que alguém se mova ou fale é eticamente condenável. O seqüestro, o estupro, o trabalho forçado, ou pago inadequadamente, não respeitam o corpo de ninguém. Os racismos e as exclusões são outras tantas formas de desprezo do corpo. De fato, poderíamos reinterpretar toda a história da ética a partir dos direitos do corpo, e da relação do nosso corpo para com o restante do mundo que nos cerca.

## **7. A “ética do discurso”**

Outra proposta ética interessante, que nos pode ajudar a melhorar a vida ética no nosso ambiente de trabalho e de convívio, é a chamada “ética do discurso”, proposta primeiramente pelos filósofos sociais Habermas e Apel. Tenho a minha crítica a esta ética, pois supõe, no meu entender, a possibilidade da construção de situações ideais de comunicação. O que na prática é difícil de acontecer. Mas, mesmo assim, admito que, em certas circunstâncias, o método que a “ética do discurso” propõe possa ser extremamente útil.

A “ética do discurso” é uma ética de convenção, baseada no diálogo de iguais para iguais. Propõe que, diante da problemática ética, os parceiros se reúnam e dialoguem, propondo argumentos e contra-argumentos até se estabelecerem os procedimentos éticos a serem seguidos por todos os participantes do diálogo. Em tais reuniões, a palavra de todos deve ser ouvida exaustivamente, e considerada de igual peso. Uma vez esgotado o diálogo, a decisão final comprometerá a todos. Fundamental para esta ética é o diálogo (a comunicação) e a participação de todos nas determinações éticas.

Considero que esta ética comunicativa é a base para uma ética de convívio democrático. E pode servir de método para uma ética do trabalho em qualquer empresa. Isto, mesmo que não seja possível constituir um “grupo comunicativo” idealmente igualitário, na palavra e na força argumentativa. Em questões de ética comunitária é fundamental que os indivíduos estejam dispostos a um diálogo exaustivo, dentro dos limites do tolerável. Seguindo o método da “ética do discurso”, certamente, as posturas éticas no trabalho e na vida em geral melhorariam em muito.

## **8. Conclusão**

Como conclusão proponho que, em complemento a esta minha reflexão, haja um aprofundamento maior em relação à “ética do corpo” e à “ética do discurso”, por parte de cada leitor. Pois, como afirmei no decorrer de minha proposição, a ética não se encontra pronta em nenhum manual. É preciso construí-la e aperfeiçoá-la constantemente. E esta construção exige: razão, auto-

conhecimento, consciência, diálogo, ações e condições adequadas. Trabalho é expressão de vida. E uma vida humana digna se constrói a partir de ideais, utopias, projetos e busca de sentido. A constituição de uma vida ética sempre melhor é uma das esperanças que animam a civilização ocidental. E confiamos que seja possível realizar esta esperança em nossa vida e em nosso ambiente de trabalho.